

ESTUDANTES À ENTRADA DO ENSINO SECUNDÁRIO

2016/17



FICHA TÉCNICA

Título

Estudantes à entrada do Ensino Secundário em 2016/17

Autores

Susana Fernandes, Patrícia Pereira, Joana Duarte e Luísa Canto e Castro
Equipa de Estudos de Educação e Ciência (EEEC) / Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Edição

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Av. 24 de Julho, n.º 134

1399-054 Lisboa

Tel.: (+351) 213 949 200

E-mail: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt

URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

Índice

INTRODUÇÃO E SUMÁRIO EXECUTIVO.....	3
1. PERFIL DOS ALUNOS	6
1.1 Distribuição dos alunos por idade e sexo	6
1.2 Distribuição dos alunos por oferta de educação e formação	7
2. CONDIÇÃO SOCIOECONÓMICA E FAMILIAR DOS ALUNOS	8
2.1 Composição e escolaridade do agregado familiar dos alunos	8
2.2 Grupo profissional e condição perante o trabalho do agregado familiar do aluno	9
3. EXPETATIVAS ESCOLARES À ENTRADA DO SECUNDÁRIO	11
3.1 Expetativas gerais dos alunos à entrada do secundário.....	11
3.2 Expetativas dos alunos à entrada do secundário: cursos científico-humanísticos versus cursos profissionais.....	13
3.3 Os alunos “ainda indecisos”	15
4. PERCURSO PROFISSIONAL DOS ALUNOS	17
4.1 Percurso profissional dos alunos e motivos para terem começado a trabalhar	17
5. DESEMPENHO ESCOLAR À SAÍDA DO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO	18
5.1 Resultados escolares	18
5.2 Número de negativas	19
6. REPROVAÇÕES E INTERRUPÇÕES NO TRAJETO ESCOLAR	21
6.1 Reprovações no trajeto escolar dos alunos	22
6.2 Interrupções no trajeto escolar dos alunos	23
7. DESEMPENHO ESCOLAR, ESCOLHAS ESCOLARES E ORIGENS SOCIAIS	24
7.1 Desempenho escolar e oferta de educação e formação frequentada	24
7.2 Desempenho escolar e sexo	25
7.3 Desempenho escolar e escolaridade dominante na família.....	26
NOTA METODOLÓGICA	28

INTRODUÇÃO E SUMÁRIO EXECUTIVO

A presente publicação apresenta os principais resultados do inquérito “Estudantes à Entrada do Ensino Secundário” no ano letivo 2016/17, aplicado em escolas públicas e privadas de Portugal Continental.

Este inquérito está inserido no âmbito do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES) que é um mecanismo de monitorização e acompanhamento dos trajetos de jovens que frequentam (ou frequentaram) o ensino secundário. O principal objetivo do OTES é dar a conhecer os trajetos dos estudantes portugueses desde o início do ensino secundário. Conhecer estes estudantes e os seus múltiplos rostos, perceber quem são, de onde vêm, que trajetos escolares fizeram, que expectativas escolares trazem, como veem o seu futuro profissional... Conhecer os alunos para além do seu desempenho escolar constitui uma tarefa fundamental para diminuir o abandono escolar precoce e o insucesso escolar.

É neste contexto que se insere o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelo OTES há mais de uma década, mais concretamente desde 2007.

Neste âmbito são aplicados periodicamente três inquéritos: “Estudantes à Entrada do Ensino Secundário”, “Estudantes à Saída do Ensino Secundário” e “Jovens no Pós-secundário”. A presente publicação apresenta os resultados da 4.ª edição do inquérito “Estudantes à Entrada do Ensino Secundário”.

Este inquérito é aplicado ao conjunto dos alunos matriculados no:

- 10.º ano dos cursos científico-humanísticos (CCH);
- 10.º ano dos cursos tecnológicos (CT);
- 10.º ano do ensino artístico especializado – artes visuais e audiovisuais (EAE)
- 1.º ano dos cursos profissionais (CP);
- 1.º ano dos cursos vocacionais (CV);

Os dados recolhidos neste inquérito permitem caracterizar os alunos à entrada do ensino secundário, ou seja, matriculados no 10.º ano ou equivalente (independentemente do número de matrículas). Perceber quem são estes alunos, qual o seu desempenho escolar até então, a que agregados familiares pertencem, qual o seu grau de satisfação com a escola e com os cursos que estão a realizar, quais as motivações associadas às suas opções escolares e expectativas escolares e profissionais futuras. Estas são algumas das questões a que este questionário tenta dar resposta.

A apresentação dos resultados do estudo está dividida, na presente publicação, em sete capítulos, cujos sumários passamos a apresentar:

Capítulo 1 - Perfil dos alunos - caracterizaram-se os cerca de 68 mil alunos que responderam ao inquérito e que representam, aproximadamente, 69% do universo de alunos inscritos no primeiro ano do ensino secundário em 2016/17. A leitura dos resultados permitiu compreender que eram

maioritariamente raparigas (50,9%), na generalidade estavam na faixa etária dos 15 anos (59,7%), matriculados em CCH (60,8%) e em cursos profissionalmente qualificantes (CPQ) (39,2%). Dentro destes últimos, os cursos profissionais eram a oferta de educação e formação mais frequentada (37,1%).

Capítulo 2 - Condição socioeconómica familiar dos alunos – onde se analisou a constituição dos agregados familiares dos alunos, constatando-se que a maioria destes pertencia a um agregado familiar onde ambos os responsáveis exerciam uma profissão (75,3%), e notando-se um crescimento face ao inquérito anterior 2013/14¹ de 8,1 pontos percentuais (p.p.), muito provavelmente fruto da conjuntura económica mais favorável que o país atravessa. Em termos de escolaridade, 59,0% das famílias tinham habilitações escolares superiores às dos alunos (32,4% tinha o ensino secundário e 26,6% tinha o ensino superior).

Capítulo 3 - Expetativas escolares à entrada do secundário – em que se observou que a maioria dos alunos (63,4%), independentemente do curso em que estavam inscritos, pretendia continuar a estudar após completar o 12.º ano ou equivalente. Esta proporção sobe para os 82,4% nos alunos dos CCH, enquanto para os alunos dos CP, apesar de aproximadamente 34% também tivesse revelado essa ambição, cerca de dois quintos demonstraram um maior interesse em integrar o mercado de trabalho. Os 18,8% dos alunos que pretendiam deixar de estudar após concluírem o ensino secundário, apontaram como principais razões a procura de trabalho para ter autonomia financeira e o facto de não gostarem de estudar.

Capítulo 4 - Percurso profissional dos alunos – onde se trata a informação recolhida sobre os primeiros contactos profissionais dos alunos à entrada do ensino secundário. Observou-se que, daqueles que se encontravam numa situação de trabalhador-estudante (3,6%), a maioria fazia-o a tempo parcial (34,0%) ou de forma pontual (29,4%), assumindo o trabalho a tempo inteiro um valor muito residual (3,7%). Os motivos para os alunos começarem a trabalhar durante o percurso escolar eram principalmente a vontade de ter o seu próprio dinheiro (41,6%), o surgimento de oportunidades de trabalho (35,7%) e a vontade de “aprender coisas importantes que a escola não ensina” (26,4%).

Capítulo 5 - Desempenho escolar à saída do 3.º ciclo do ensino básico - tal como em outros estudos sobre o ensino básico², em termos de classificações (medidas numa escala de 1 a 5 valores), a maioria dos alunos (51,9%) teve uma média final de nível 3 no conjunto das disciplinas de língua portuguesa, língua estrangeira, matemática e físico-química, 36,0% de nível 4 e 11,8% tiveram uma média considerada de excelência escolar (5 valores). Cerca de 62% dos alunos entraram no ensino secundário com todas as disciplinas do 9.º ano concluídas. Por outro lado, 38,2% dos alunos transitaram para o ensino secundário com pelo menos uma negativa, menos 2,4 p.p. do que no inquérito 2013/14.

¹ Ver estudo publicado pela DGEEC em 2015 “Estudantes à entrada do secundário 2013/14” <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/>

² Ver estudo publicado pela DGEEC em outubro de 2017 “Resultados Escolares por Disciplina – 3.º ciclo, 2014/15” <http://www.dgeec.mec.pt/np4/873.html>

Capítulo 6 - Reprovações e interrupções no trajeto escolar - relativamente às reprovações, mais de dois terços dos alunos chegaram ao 10.º ano sem nenhuma reprovação. Os anos escolares em que houve maior número de reprovações foram: 7.º ano (26,1%), 8.º ano (24,2%), 10.º ano (22,3%) e o 9.º ano (21,0%). As reprovações no 9.º ano diminuíram 7,7 p.p. entre 2013/14 e 2016/17, enquanto no 7.º e no 8.º ano aumentaram, respetivamente 5,1 p.p. e 9,0 p.p. Por outro lado, a interrupção dos estudos no 10.º ano decresceu 6,7 p.p., face aos valores de 2013/14 e aproximadamente 4 p.p. no 9.º e no 11.º ano.

Capítulo 7 - Desempenho escolar, escolhas escolares e origens sociais – onde se cruzou o desempenho escolar com outras variáveis de caracterização. Registou-se que 85,4% dos alunos dos cursos científico-humanísticos não tiveram reprovações ao longo do percurso escolar enquanto 62,9% dos alunos dos cursos profissionais tiveram pelo menos uma reprovação. O padrão da não retenção consoante a habilitação escolar máxima do agregado familiar é análogo ao verificado em 2013/14: 42,3% dos alunos oriundos de famílias cuja habilitação não excede o 1.º ciclo do ensino básico, nunca reprovaram, passando esta percentagem a 58,0%, 69,4% e 85,8%, respetivamente, entre os alunos oriundos de famílias entre o 2.º e o 3.º ciclo do ensino básico, com o ensino secundário e com o ensino superior. O mesmo acontece com a média global do 9.º ano às várias disciplinas analisadas, observando-se que quanto maior é a escolaridade dos pais, mais elevadas são as médias dos alunos. Mais precisamente, entre os alunos cuja escolaridade dos pais não excede o 1.º ciclo, 26,4% tem médias entre 4 e 5 valores, passando esta percentagem para 35,3%, 46,6% e 71,3% entre os alunos oriundos de famílias entre o 2.º e o 3.º ciclo do ensino básico, com o ensino secundário e com o ensino superior, respetivamente.

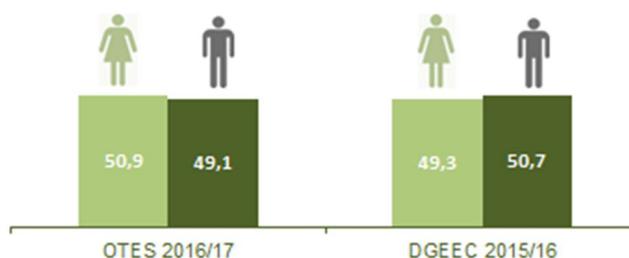
1. PERFIL DOS ALUNOS

1.1 Distribuição dos alunos por idade e sexo

No inquérito aos estudantes à entrada do ensino secundário no ano letivo 2016/17, 50,9% dos alunos no 10.º ano de escolaridade eram do sexo feminino e 59,7% tinham idade igual a 15 anos, idade modal para frequentar o 10.º ano ou equivalente. Por outro lado, observou-se que 40,3% dos alunos encontravam-se, pelo menos um ano acima da idade modal de frequência e 0,6% estavam abaixo. Estes desvios em relação à idade modal de frequência no 10.º ano pode dever-se a situações de reprovação, de interrupção, mudança de curso ou alunos condicionais (que nasceram entre 16 de setembro e 31 de dezembro do ano N).

Apesar de existir um ano de diferença, comparou-se os dados deste inquérito com os das Estatísticas da Educação 2015/16, e verificou-se que apesar de no inquérito responderem mais raparigas, efetivamente existem mais rapazes inscritos segundo as Estatísticas da Educação (49,3% face a 50,7%) (Figura 1.1).

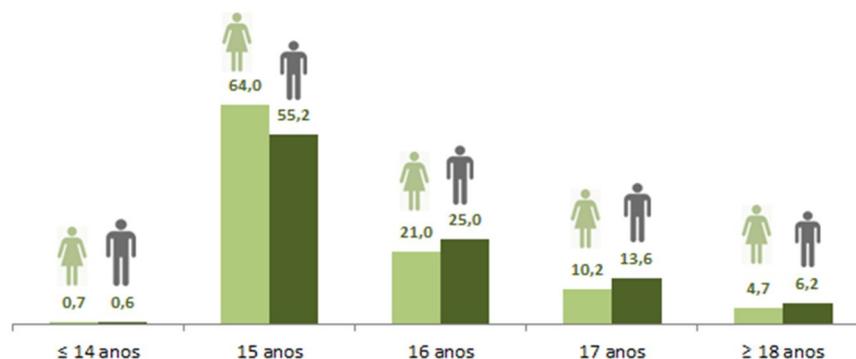
Figura 1.1 - Alunos à entrada do ensino secundário por sexo (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17; DGEEC, Estatísticas da Educação 2015/16.

O investimento no percurso escolar é maior no caso das raparigas observando-se que 64,0% encontravam-se na idade modal para a frequência do 10.º ano, existindo uma diferença de mais 8,8 p.p. face aos rapazes (Figura 1.1.1).

Figura 1.1.1 – Alunos por idade e sexo no ano letivo 2016/17 (%)

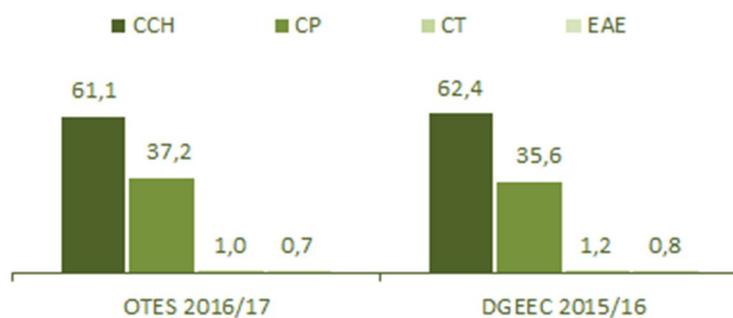


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

1.2 Distribuição dos alunos por oferta de educação e formação

À entrada do secundário é feita a escolha da oferta de educação e formação, escolha essa que pode ser complexa e que irá influenciar as expectativas escolares e profissionais dos alunos. Analisando a oferta de educação e formação frequentada pelos alunos (excluindo os cursos vocacionais³), a maioria dos alunos optou pela frequência de um CCH (61,1%), verificando-se que os restantes 38,9% encontravam-se inscritos em CPQ (Figura 1.2). Os CP eram a oferta de educação e formação mais frequentada entre os CPQ (37,2%), seguindo-se os CT (1,0%) e o EAE (0,7%).

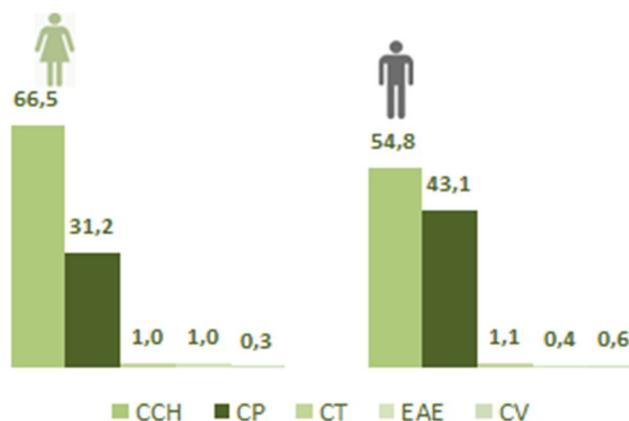
Figura 1.2 – Alunos segundo a oferta de educação e formação (%)



Nota: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; CT – Cursos Tecnológicos; EAE – Ensino artístico especializado.
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17; DGEEC, Estatísticas da Educação 2015/16.

A comparação entre os dados deste inquérito e as estatísticas da educação 2015/16, e apesar do ano de diferença relativamente aos dois momentos de inquirição, permite verificar uma grande similaridade na distribuição dos alunos por oferta de educação e formação, registando-se a maior diferença no número de alunos dos CP (+1,6 p.p. observado neste inquérito). Face às semelhanças existentes na amostra, é possível inferir para a totalidade da população muitos dos resultados apresentados ao longo deste destaque.

Figura 1.2.1 – Alunos segundo a oferta de educação e formação, por sexo (%)



Nota: CV – Cursos Vocacionais.

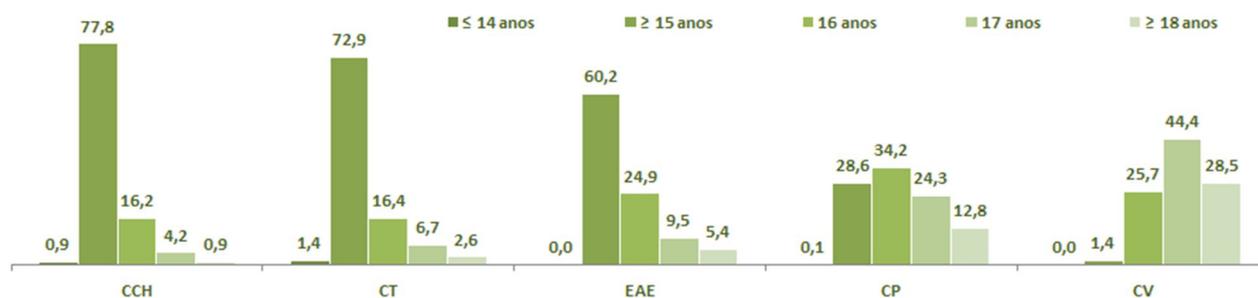
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

³ Para efeitos de comparação direta com as estatísticas oficiais, excluiu-se deste gráfico os cursos vocacionais, uma vez que não seria possível uma análise desagregada por ano curricular.

Quando se compara as escolhas da oferta de educação e formação por sexo, verificou-se que as raparigas optaram mais pelos cursos científico-humanísticos (66,5% face a 54,8%), enquanto os rapazes revelaram maior interesse pelos CP (43,1% face a 31,2%) (Figura 1.2.1).

As diferenças são também assinaláveis quando se realiza uma abordagem por idade, constatando-se que 77,8% dos alunos que optaram por um curso científico-humanístico estavam na idade modal de entrada no ensino secundário (15 anos), assim como os dos CT com 72,9% e os do EAE com 60,2% (Figura 1.2.2).

Figura 1.2.2 – Alunos segundo a oferta de educação e formação, por idade (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

A exceção coloca-se para os alunos que escolheram um curso profissional e vocacional, onde a dispersão etária é maior. No caso do CP 37,1% dos alunos têm uma idade igual ou superior a 17 anos e no caso dos cursos vocacionais esta proporção sobe para 72,9%, revelando que existiram situações de reprovação e/ou interrupção dos estudos até ao momento da inquirição.

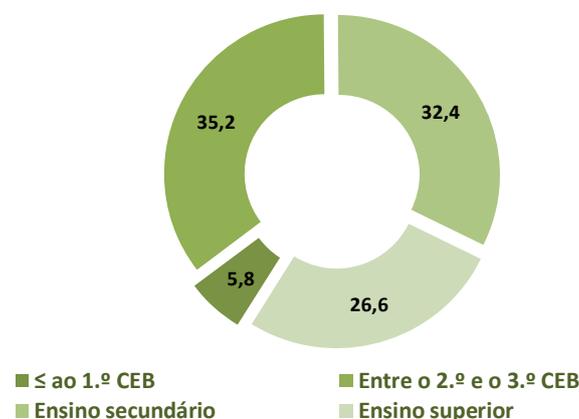
2. CONDIÇÃO SOCIOECONÓMICA E FAMILIAR DOS ALUNOS

As opções escolares dos alunos, o seu desempenho escolar e as expectativas profissionais durante o ensino secundário tendem a estar relacionadas com as condições socioeconómicas das suas famílias. Neste pressuposto, pretende-se neste capítulo identificar as origens socioeconómicas dos agregados familiares dos alunos a partir de questões relativas ao emprego, profissões e níveis de escolaridade.

2.1 Composição e escolaridade do agregado familiar dos alunos

A generalidade dos alunos (70,5%) vivia com o pai e com a mãe. A maior parte dos agregados familiares tinha como nível de escolaridade dominante o 2.º ou o 3.º ciclo (35,2%), seguindo-se as famílias com o ensino secundário (32,4%) e as com o ensino superior (26,6%) (Figura 2.1). As famílias com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 1.º ciclo do ensino básico representavam apenas 5,8%.

Figura 2.1 – Alunos segundo o nível de escolaridade dominante na família (%)

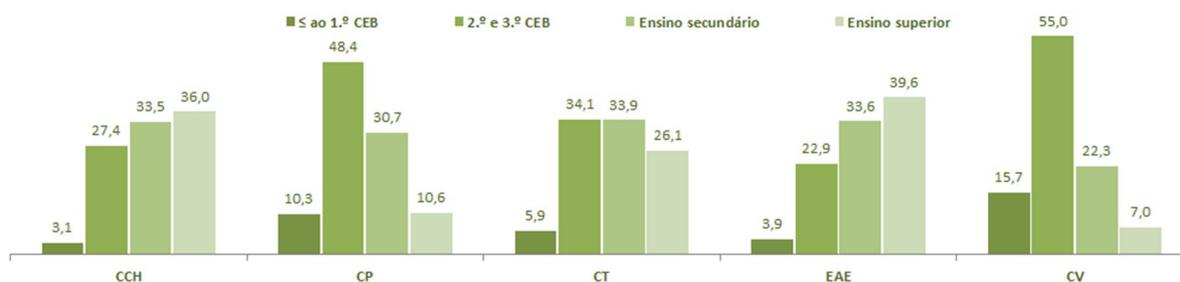


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Comparando estes dados com o último questionário aos estudantes à entrada do ensino secundário em 2013/14, verificou-se diferenças assinaláveis. As famílias com habilitações escolares iguais ao ensino secundário aumentaram 18,7%, existindo, por outro lado, um decréscimo de 13,4% nas famílias com o 1.º ciclo do ensino básico.

Uma análise por oferta de educação e formação de ensino demonstra que os núcleos familiares dos alunos do EAE (73,2% com ensino secundário ou superior) e dos CCH (69,5%) são os que apresentavam um nível de escolaridade mais elevado (Figura 2.1.1).

Figura 2.1.1 - Alunos segundo a oferta de educação e formação, por nível de escolaridade dominante na família (%)



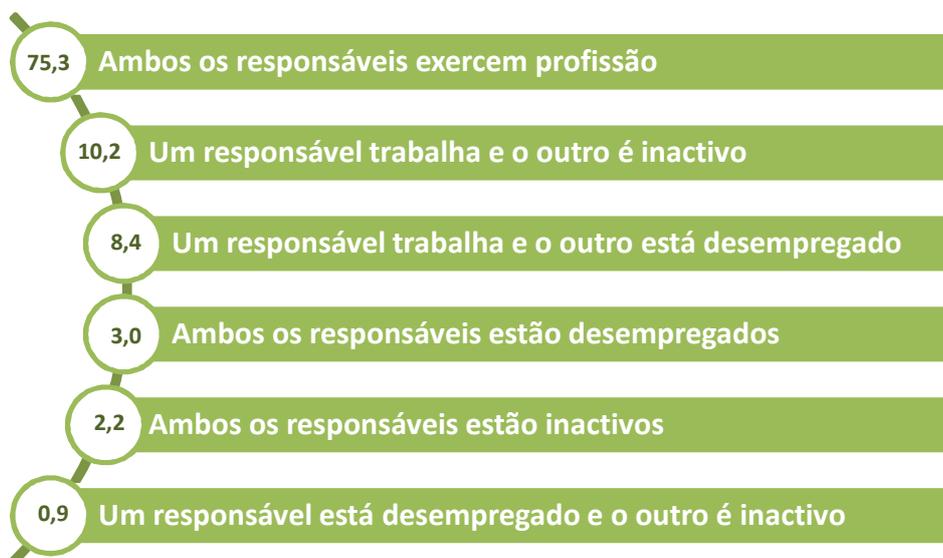
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Por outro lado, 58,7% das famílias dos alunos que frequentaram um CP e 70,7% das famílias dos alunos que frequentaram um CV detinham uma escolaridade igual ou inferior ao 3.º ciclo do ensino básico.

2.2 Grupo profissional e condição perante o trabalho do agregado familiar do aluno

Os alunos pertenciam, maioritariamente, a um agregado familiar onde ambos os responsáveis exerciam uma profissão (75,3%), mais 12,1% das famílias do que o observado no inquérito 2013/14, seguindo-se as situações em que um trabalha e o outro é inativo (10,2%) ou está desempregado (8,4%) (Figura 2.2).

Figura 2.2 – Alunos segundo as condições perante o trabalho na família (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

A profissão dominante exercida pelo núcleo familiar de origem dos alunos estava inserida, predominantemente, nos seguintes grandes grupos profissionais: “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (24,4%), “trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (17,7%) e “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (16,5%) (Quadro 2.2.1).

Quadro 2.2.1 – Alunos segundo o grande grupo profissional na família (%)

GRANDE GRUPO DE PROFISSÕES	%
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	12,7
Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas	24,4
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	9,3
Pessoal Administrativo	5,7
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	17,7
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	2,5
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	16,5
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	4,7
Trabalhadores não Qualificados	6,5

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

A dispersão das profissões por oferta de educação e formação revelou diferenças assinaláveis. Os alunos do EAE, dos CCH e dos CT pertenciam a famílias cujas profissões se incluíam no grupo dos “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (34,7%, 30,9% e 24,4%) (Quadro 2.2.2). Numa situação diferente, encontravam-se os alunos dos CP e CV cujos núcleos familiares desenvolviam profissões inseridas no grupo dos

“trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (23,5% e 26,9%, respetivamente) e “trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (21,6% e 26,3% respetivamente).

Quadro 2.2.2 – Alunos segundo a oferta de educação e formação, por grande grupo profissional na família (%)

GRANDE GRUPO DE PROFISSÕES	CCH	CP	CT	EAE	CV
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	15,1	8,2	13,3	14,2	3,2
Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas	30,9	12,3	24,4	34,7	8,1
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	9,6	8,7	10,8	12,4	8,1
Pessoal Administrativo	5,9	5,3	5,9	6,0	3,8
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	15,6	21,6	15,9	12,7	26,3
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1,7	3,9	2,5	0,3	4,8
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	12,7	23,5	16,4	7,8	26,9
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	3,8	6,5	5,4	4,4	1,1
Trabalhadores não Qualificados	4,7	10,0	5,4	7,5	17,7

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

3. EXPETATIVAS ESCOLARES À ENTRADA DO SECUNDÁRIO

A escolha da oferta de educação e formação e do curso à entrada do secundário tem subjacente um trajeto escolar definido pelo aluno, segundo as suas expetativas para o pós-secundário. Quais as aspirações dos alunos no fim do ensino básico em relação ao seu percurso escolar e ao seu futuro profissional? O que esteve subjacente às suas escolhas? Quem foram os principais apoios na escolha do curso? São estas algumas das questões a que se dá resposta neste capítulo.

3.1 Expetativas gerais dos alunos à entrada do secundário

Numa análise aos resultados observou-se que, independentemente da oferta de educação e formação e do curso que os alunos frequentavam, a maioria (63,4%) queria continuar a estudar após completar o 12.º ano ou equivalente e 18,8% pretendia deixar de estudar após completar o 12.º ano (Figura 3.1). Para os cerca de 19% dos alunos que manifestavam interesse em deixar de estudar após completarem a escolaridade obrigatória, a ideia de independência financeira (54,5% mais 4,3 p.p. do que em 2013/14) e o facto de não gostarem de estudar (47,1%, mais 6,7 p.p.) constituíam as principais razões.

Figura 3.1 – Alunos segundo as suas expetativas à entrada do ensino secundário (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Relativamente às expetativas/motivações na escolha dos cursos/oferta de educação e formação, para 39,7% dos alunos a opção por um curso que desse boas oportunidades de emprego foi a principal razão para as suas escolhas (Quadro 3.1).

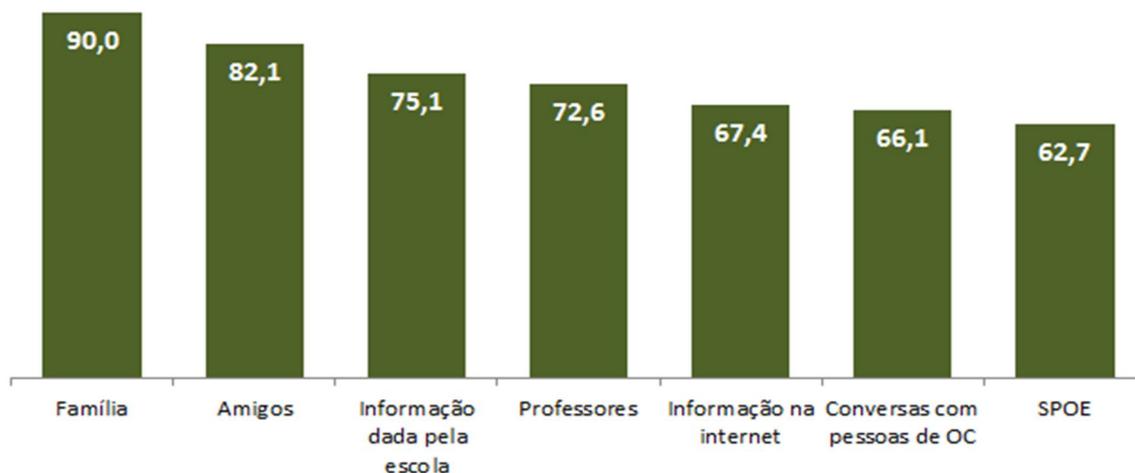
Quadro 3.1 – Alunos segundo as principais razões para a escolha do curso/ oferta de educação e formação (%)

É um curso que dá boas oportunidades de emprego	39,7
Permite-me seguir o que eu quero em termos de ensino superior	28,6
Permite-me desempenhar a profissão que eu quero	25,7
É o que eu gosto de estudar	22,9
É um curso com qualidade	18,7
Não havia outro curso que eu gostasse/Não consegui entrar no curso escolhido	10,9
É um curso com muito prestígio	10,6
Tenho pessoas próximas que seguiram o mesmo curso	8,6
É um curso muito prático	7,3
Os testes psicotécnicos indicaram que era o melhor para mim	3,7
Porque era o curso que a minha família gostava que eu seguisse	2,0
Porque não tinha de mudar de escola	2,0
Outras razões	1,8
É um curso essencialmente teórico	1,0

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Os apoios privilegiados nesta tomada de decisão foram principalmente a família (90,0%) e os amigos (82,1%). Os serviços de psicologia e orientação das escolas foram indicados por cerca de 63% dos alunos como um recurso na tomada de decisão. Relativamente à utilidade dos mesmos, a família (89,1%), a pesquisa de informação na internet (84,4%) e os amigos (83,0%) foram classificados de “úteis”. Os serviços de psicologia e orientação das escolas foi o item que os alunos consideraram menos “útil” (56,5%) (Figura 3.1.1).

Figura 3.1.1 – Alunos segundo os apoios privilegiados na escolha do curso (%)

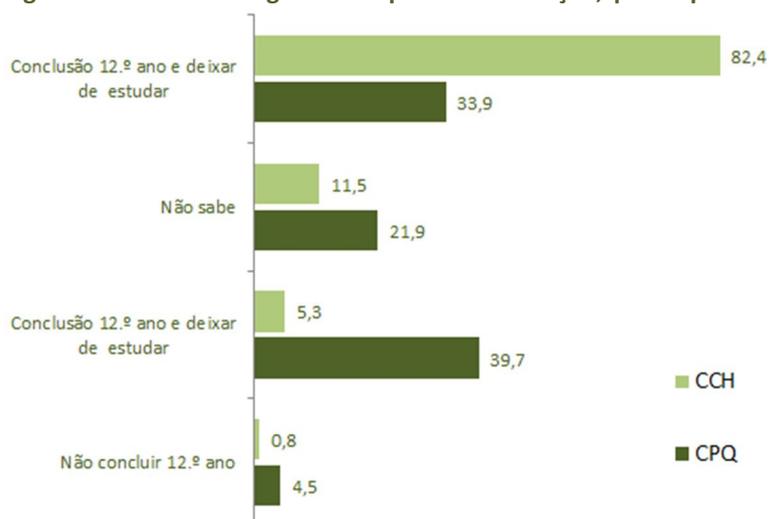


Nota: Conversas com pessoas de OC – Conversas com pessoas de outros cursos; SPOE – Serviços de psicologia e orientação da escola.
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

3.2 Expetativas dos alunos à entrada do secundário: cursos científico-humanísticos versus cursos profissionais

As expetativas escolares dos alunos dos cursos científico-humanísticos são bastante diferentes comparativamente com os dos cursos profissionais: 82,4% dos alunos que escolheram frequentar um curso científico-humanístico têm como aspiração prosseguir estudos e ingressar no ensino superior e 5,3% consideravam deixar de estudar após a conclusão do ensino secundário (Figura 3.2). Os alunos que escolheram frequentar um curso profissional, as expetativas mostravam que 39,7% pretendia concluir o ensino secundário e deixar de estudar.

Figura 3.2 – Alunos segundo o tipo de certificação, por expetativas à entrada do ensino secundário (%)



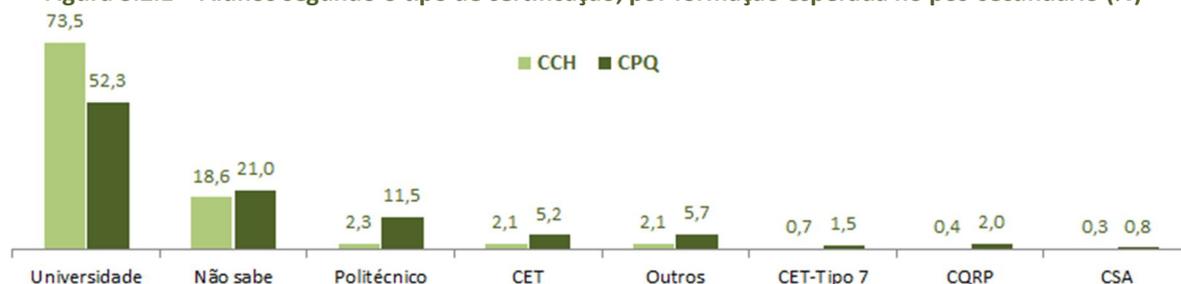
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Estes dados acabam por estar de acordo com os objetivos de cada uma das ofertas de educação e formação, na medida em que os CCH destinam-se ao prosseguimento de estudos e os CP estão mais orientados para a

integração imediata no mercado de trabalho. Comparando com os dados recolhidos em 2013/14, o principal aumento reside no maior interesse demonstrando pelos alunos que frequentavam os cursos profissionais em continuar a estudar (33,9% face a 22,3%).

Os alunos que consideravam prosseguir estudos no pós-secundário foram questionados sobre a formação que pretendiam frequentar, verificando-se que tanto os alunos dos CCH, como os dos CPQ tinham como principal expectativa a frequência de um curso superior universitário ou politécnico (respetivamente 73,5% e 52,3%).

Figura 3.2.1 – Alunos segundo o tipo de certificação, por formação esperada no pós-secundário (%)



Nota: CET – Cursos de especialização tecnológica; CQRP - Curso de Qualificação e Reconversão Profissional; CSA - Curso do Sistema de Aprendizagem.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Importa realçar que os alunos dos CPQ eram os que mais indecisos estavam quanto à formação no pós-secundário (21,0% face a 18,6%), sendo também os que mais optaram por CET (5,2% face a 2,1%) e por CEF – tipo 7 (1,5% face a 0,7%) (Figura 3.2.1).

Relativamente às expectativas profissionais dos alunos para o futuro, mais precisamente aos 30 anos de idade, era o grupo de profissões relativas aos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (34,1%) e “técnicos e profissionais de nível intermédio” (8,1%) em que mais alunos projetavam o seu futuro profissional. No entanto, e independentemente da via de ensino secundário escolhida pelos alunos 45,2% não sabe o que poderá estar a fazer profissionalmente aos 30 anos de idade (Quadro 3.2.1).

Quadro 3.2.1 – Alunos por grande grupo profissional aos 30 anos (%)

GRANDE GRUPO DE PROFISSÕES	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	4,1
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	34,1
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	8,1
Pessoal Administrativo e Similares	0,9
Pessoal dos Serviços e Vendedores	4,7
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	0,3
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	1,9
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	0,3
Trabalhadores não Qualificados	0,4
Não sabe	45,2

3.3 Os alunos “ainda indecisos”⁴

Numa altura em que se procura reduzir os números do abandono escolar precoce, procurando-se aumentar o aproveitamento escolar dos alunos, com vista a alcançar “*resultados positivos não só para o indivíduo como para a sociedade em termos de perspetivas de emprego, melhores condições de saúde e redução das despesas públicas e sociais*”⁵ (Eurydice, 2015), este inquérito mostrou que 15,6% dos jovens à entrada do ensino secundário não sabiam o que pretendiam fazer ao nível do percurso escolar (valor igual ao observado no inquérito 2013/14) (Figura 3.1) número esse que triplica, quando questionados sobre o que pensam estar a fazer profissionalmente aos 30 anos de idade (45,2% mais 1,8 p.p. do que no inquérito anterior 2013/14). Assiste-se, desde a primeira edição deste inquérito, ao fenómeno dos alunos ainda indecisos relativamente ao seu percurso escolar, que embora tenha aumentado de forma ténue (+ 1,4 p.p. face a 2007/08) têm-se perpetuado. Mas quem são estes alunos? Na secção seguinte procede-se à sua caracterização.

3.3.1 Perfil dos alunos “ainda indecisos”, quem são estes alunos?

Comparativamente com o grupo de alunos que clarificaram as suas expetativas, há proporcionalmente mais indecisos entre os alunos das ofertas profissionalmente qualificantes que entre os alunos dos cursos científico-humanísticos (21,9% face a 11,5%) (Figura 3.2). Independentemente da via de ensino escolhida, há uma maior incidência de rapazes indecisos (62,0% face a 54,9% de rapazes com a sua decisão tomada, nos CPQ, e 58,8% face a 42,4% nos CCH), assim como se observa uma maior indecisão relativamente às expetativas profissionais aos 30 anos de idade (60,7% face a 44,1% entre os alunos com a sua decisão tomada, nos CPQ, e 64,2% face a 41,0% nos CCH).

Olhando para o perfil dos ainda indecisos em cada uma das vias do ensino secundário, constata-se que nos CPQ estes alunos têm características bastante análogas às dos seus colegas com “expetativas firmadas” a não ser no que refere ao género (já anteriormente destacado) e no que refere ao grau de satisfação com o curso, uma vez que entre os que já tomaram a sua decisão há 82,2% que estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o curso enquanto esta percentagem baixa para 77,4% no grupo dos ainda indecisos. (ver figura 3.3.1).

⁴ Para uma mais direta leitura passa-se a designar estes alunos por “grupo de alunos ainda indecisos”.

⁵ Comissão Europeia/EACEA/Eurydice/Cedefop, 2015. Combate ao Abandono Precoce na Educação e Formação na Europa. Documento Síntese Eurydice. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.

Figura 3.3.1 – Perfil dos alunos CPQ segundo a tomada de decisão de continuar a estudar (%)

Cursos CPQ		Cursos CPQ	
Alunos ainda indecisos		Alunos com decisão tomada	
			
Rapazes	62,0	Rapazes	54,9
Idade ≥16 anos	70,6	Idade ≥ 16 anos	69,6
Satisfeito/Muito Satisfeito com o curso	77,4	Satisfeito/Muito satisfeito com o curso	82,2
Escolaridade da família: ≤ 2.º e 3.º ciclo	60,1	Escolaridade da família: ≤ 2.º e 3.º Ciclo	57,1
Média a PT, MAT FQ e LE: 3 valores	77,5	Média a PT, MAT, FQ e LE: 3 valores	74,0
≥ 1 reprovação	61,8	≥ 1 reprovação	61,2
Expetativas profissionais: EPIC	35,8	Expetativas profissionais: EPIC	42,5
Expetativas profissionais: TPNI	25,3	Expetativas profissionais: TPNI	21,1

Nota: PT-Português; LE – Língua Estrangeira; MAT – Matemática; FQ – Físico-química; EPIC – Especialistas das profissões intelectuais e Científicas; TPNI - Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Já entre os alunos dos CCH, nos ainda indecisos há uma maior percentagem de alunos com indicadores de sucesso escolar mais baixos e com contexto escolar familiar menos favorável. É também apenas nos CCH que se manifestam diferenças significativas quanto a aspirações a longo prazo: Profissões classificadas como “especialistas das profissões intelectuais e científicas” são perspetivadas por 55,8% no grupo dos ainda indecisos face a 75,8% no grupo dos que têm expetativas firmadas. Por outro lado, profissões classificadas como “técnicos profissionais de nível intermédio” eram perspetivadas por 20,7% face a 9,9% (Figura 3.3.2).

Figura 3.3.2 – Perfil dos alunos CCH segundo a tomada de decisão de continuar a estudar (%)

Cursos CCH		Cursos CCH	
Alunos ainda indecisos		Alunos com decisão tomada	
			
Rapazes	58,8	Rapazes	42,4
Idade 15 anos	69,2	Idade 15 anos	79,0
Satisfeito/Muito Satisfeito com o curso	54,0	Satisfeito/Muito Satisfeito com o curso	76,4
Escolaridade da família: ≤ 2.º e 3.º ciclo	40,6	Escolaridade da família: ≤ 2.º e 3.º ciclo	29,4
Média a PT, MAT FQ e LE: 3 valores	59,5	Média a PT, MAT FQ e LE: 3 valores	36,3
Sem reprovações	77,2	Sem reprovações	86,5
Expetativas profissionais: EPIC	55,8	Expetativas profissionais: EPIC	75,8
Expetativas profissionais: TPNI	20,7	Expetativas profissionais: TPNI	9,9

Nota: PT-Português; LE – Língua Estrangeira; MAT – Matemática; FQ – Físico-química; EPIC – Especialistas das profissões intelectuais e Científicas; TPNI - Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

4. PERCURSO PROFISSIONAL DOS ALUNOS

4.1 Percurso profissional dos alunos e motivos para terem começado a trabalhar

Analisando o percurso profissional dos alunos à entrada do secundário, verificou-se que 3,6% se encontravam numa situação de trabalhador-estudante enquanto 95,7% eram estudantes a tempo inteiro (Figura 4.1).

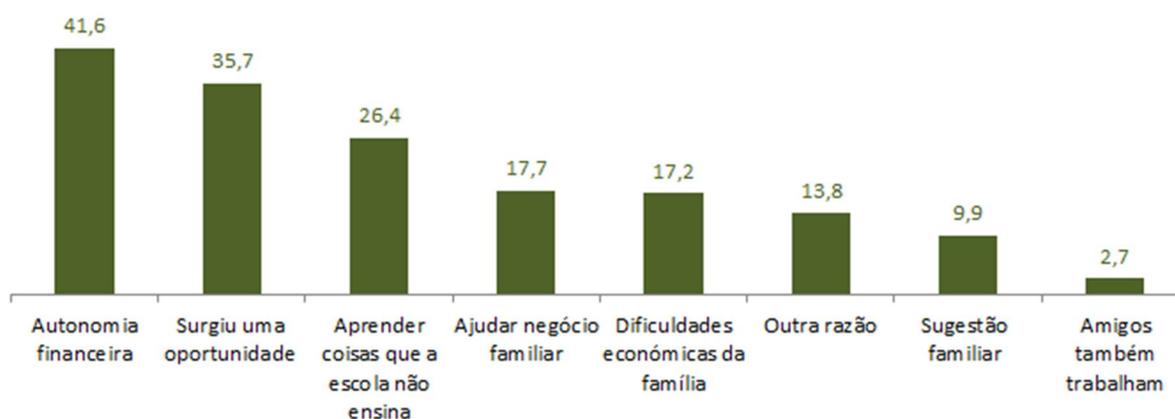
Figura 4.1 – Alunos segundo a atividade realizada à data de inquirição (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Os motivos que levaram os alunos a começarem a trabalhar durante o percurso escolar relacionavam-se com a vontade de ter independência económica (41,6%), o surgimento de oportunidades de trabalho (35,7%) e a vontade de “aprender coisas importantes que a escola não ensina” (26,4%) (Figura 4.1.1)

Figura 4.1.1 – Alunos segundo as razões para terem uma atividade profissional (%)

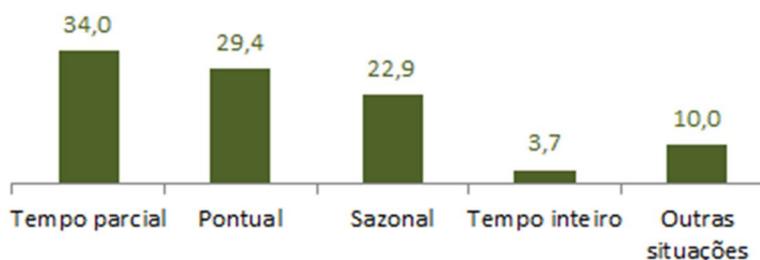


Notas: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla. N = 2 865

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Simultaneamente, os alunos que se encontravam a trabalhar ou em situação de desemprego (4,3%) foram questionados sobre o seu regime de trabalho, atual ou anterior. A maioria dos alunos encontrava-se a trabalhar a tempo parcial (34,0%) ou de forma pontual (29,4%) (Figura 4.1.2).

Figura 4.1.2 – Alunos com atividade profissional por regime laboral (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

O trabalho a tempo inteiro assumiu um valor muito residual (3,7%), o que não surpreende tendo em consideração a idade dos alunos, bem como o ciclo de estudos que estavam a frequentar.

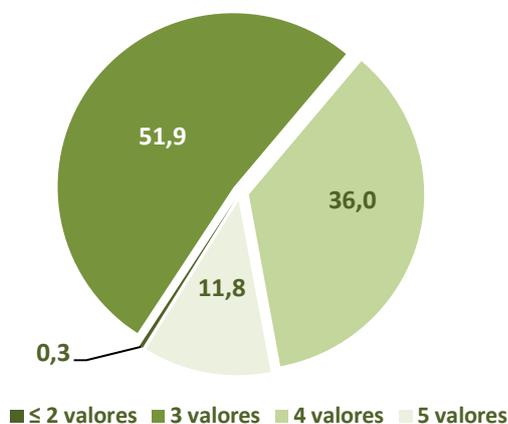
5. DESEMPENHO ESCOLAR À SAÍDA DO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A entrada no ensino secundário e a escolha da oferta de educação e formação e/ou curso a seguir têm como pressuposto a conclusão do 3.º ciclo do ensino básico. Neste sentido, analisou-se o desempenho escolar dos alunos através do nível de rendimento escolar e da duração do seu trajeto escolar. As disciplinas consideradas para efeitos de cálculo da média do 9.º ano foram: português, língua estrangeira, matemática e físico-química, pois são transversais às diferentes ofertas de educação e formação.

5.1 Resultados escolares

A média final das classificações (de 0 a 5 valores) às disciplinas de língua portuguesa, língua estrangeira, matemática e físico-química é maioritariamente de nível 3 (51,9%) ou nível 4 (36,0%) (Figura 5.1). Com uma média considerada de excelência escolar encontravam-se 11,8% dos alunos que obtiveram uma média global de 5 valores.

Figura 5.1 - Alunos segundo a média global das classificações no 9.º ano a PT, LE, MAT e FQ (%)



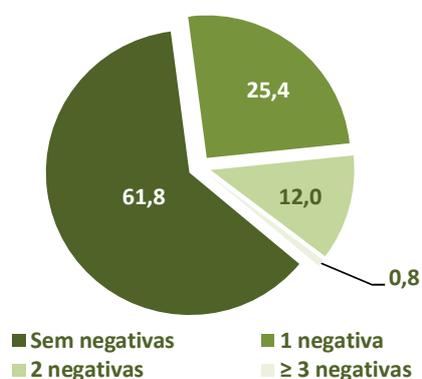
Nota: PT-Português; LE – Língua Estrangeira; MAT – Matemática; FQ – Físico-química
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Comparando estes dados com o questionário estudantes à entrada do ensino secundário 2007/08⁶ verificou-se que houve uma melhoria de 6,5 p.p. na média de classificações de valor igual ou superior a 4.

5.2 Número de negativas

A análise do número de negativas demonstrou que a maioria dos alunos (61,8%) entrou no ensino secundário com todas as disciplinas concluídas obtendo em todas elas classificações iguais ou superiores a 3 valores (Figura 5.2). Cerca de um quarto dos alunos transitou para o ensino secundário com negativa a uma disciplina do 9.º ano e, com um valor muito residual, encontravam-se os alunos que obtiveram três ou mais negativas (0,8%).

Figura 5.2 - Alunos segundo o número de negativas no 9.º ano (%)



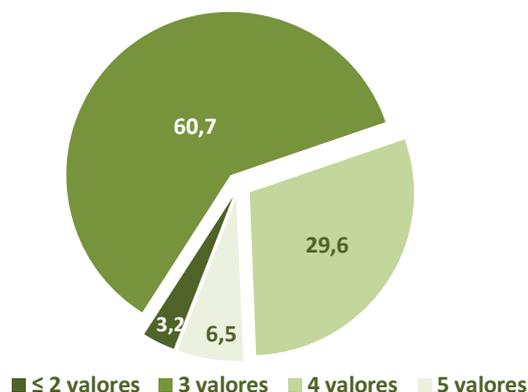
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Comparando estes dados com os obtidos em 2013/14 observou-se que existiu um decréscimo de 2,4 p.p. no número total de alunos com pelo menos uma negativa, com especial incidência para o número de alunos que tiveram duas negativas (12,0% face a 13,7%).

Na disciplina de português, 60,7% dos alunos obteve 3 valores, seguindo-se 29,6% que obtiveram 4 valores (Figura 5.2.1). As classificações que se encontram nos extremos são as que apresentavam valores mais residuais, nomeadamente 3,2% dos alunos com classificação igual ou inferior a 2 valores e 6,5% com classificação de 5 valores. Estes valores estão em linha com o estudo da DGEEC publicado recentemente “Resultados por disciplina”, só para o ensino regular, que indica que no 9.º ano de escolaridade para o ano letivo disponível mais recente (2014/15), 63% dos alunos tiveram classificação de nível 3 e 21% classificação de nível 4, à disciplina de português.

⁶ Ver estudo publicado pela DGEEC em 2015 “Estudantes à entrada do secundário 2007/08” <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/>

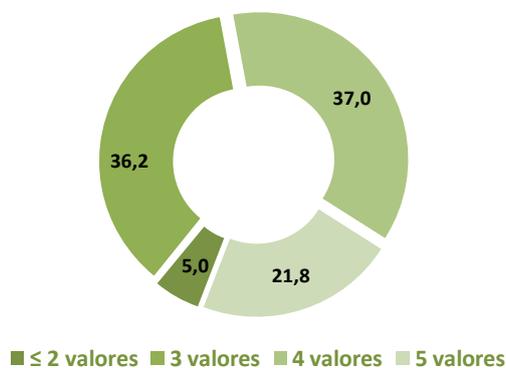
Figura 5.2.1 – Alunos segundo a classificação final à disciplina de português no 9.º ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Quanto à disciplina de língua estrangeira, os alunos apresentaram melhores resultados escolares comparativamente com a disciplina de português, constatando-se que 21,8% dos alunos obtiverem 5 valores e 37,0% 4 valores (Figura 5.2.2). Os alunos com excelência escolar (classificações de 5 valores) foram, nesta disciplina mais do triplo dos alunos em relação à disciplina de português. Verificou-se também que houve mais alunos a língua estrangeira com uma classificação inferior ou igual a 2 valores (5,0%).

Figura 5.2.2 - Alunos segundo a classificação final à disciplina de língua estrangeira no 9.ºano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Comparando com os dados de 2013/14 e 2010/11⁷, neste último inquérito os alunos conseguiram obter melhores classificações à disciplina de língua estrangeira, tendo aumentado respetivamente 3,8 p.p. e 7,3 p.p. nas classificações iguais ou superiores a 4 valores.

A análise das classificações na disciplina de matemática revelou diferenças face ao reportado nas anteriores edições deste inquérito. Apesar da maior parte dos alunos também ter apresentado classificações de 3 valores (42,2%), os resultados reportados a esta disciplina têm vindo a ser gradualmente mais baixos, acompanhando a maior abrangência de respondentes ao inquérito como consequência do alargamento da escolaridade obrigatória. A percentagem de alunos com classificação igual ou inferior a 2 valores passou de 17% em 2010/11

⁷ Ver estudo publicado pela DGEEC em 2015 “Estudantes à entrada do secundário 2010/11” <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/>

para 21,9% em 2013/14 situando-se em 23,8% em 2016/17 (Figura 5.2.3). Apesar de bastante mais baixa que a percentagem homóloga no estudo da DGEEC referenciado acima (37%, em 2015/16, entre os alunos da via geral de ensino), há que ter em conta que os respondentes a este inquérito já se encontram no ensino secundário e que a taxa de retenção no 9.º ano, no ano letivo em causa, era de 9% .

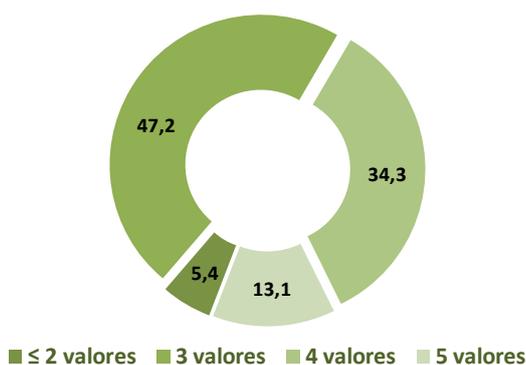
Figura 5.2.3 - Alunos segundo a classificação final à disciplina de matemática no 9.º ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Na disciplina de ciências físico-químicas a distribuição das classificações dos alunos foi muito semelhante à da disciplina de língua estrangeira. A maior parte dos alunos obteve uma classificação de nível 3 (47,2%), destacando-se as classificações superiores ou iguais ao nível 4 (47,4%), que globalmente aumentaram 3 p.p. em relação ao ano letivo 2013/14, o que revela o contínuo bom desempenho escolar nesta disciplina (Figura 5.2.4). Mais uma vez, os valores não foram muito diferentes dos do estudo “Resultados por disciplina”, referido anteriormente (52,0% tiveram no 9.º ano classificação de 3 valores a esta disciplina, mais 4,8 p.p. do que no presente estudo).

Figura 5.2.4 - Alunos segundo a classificação final à disciplina de ciências físico-químicas no 9.º ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

6. REPROVAÇÕES E INTERRUPTÕES NO TRAJETO ESCOLAR

A análise das reprovações e das interrupções permite observar os desvios no percurso escolar dos alunos. Mas em que anos letivos ocorreu um maior número de reprovações? Será que coincidem com os anos de maior número de interrupções? São estas algumas das questões analisadas neste capítulo.

6.1 Reprovações no trajeto escolar dos alunos

Na análise aos resultados observou-se que mais de dois terços dos alunos chegaram ao 10.º ano sem nenhuma reprovação (67,3%), 18,7% dos alunos reprovaram uma vez, 10,4% duas vezes e 3,6% reprovaram 3 ou mais vezes (Figura 6.1).

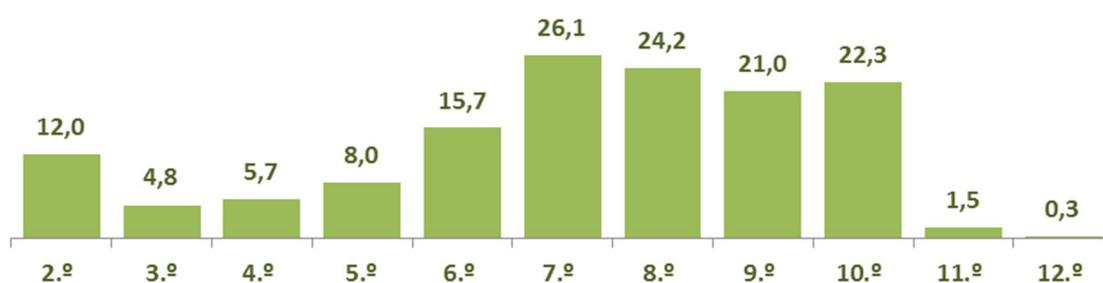
Figura 6.1 – Alunos segundo o número de reprovações ao longo do trajeto escolar (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Os anos escolares que os alunos indicaram como terem sido aqueles em que tiveram um maior número de reprovações foram o 7.º ano (26,1% dos alunos reprovaram pelo menos uma vez), o 8.º ano (24,2%), o 10.º ano (22,3%) e o 9.º ano (21,0%) (Figura 6.1.1). Estes dados revelam diferenças assinaláveis quando comparados com os de 2013/14. As reprovações no 9.º ano diminuíram 7,7 p.p. enquanto no 7.º e no 8.º ano aumentaram respetivamente 5,1 e 9,0 p.p., tendo este último registado a maior subida em relação aos últimos anos analisados.

Figura 6.1.1 – Alunos segundo os anos de reprovação ao longo do trajeto escolar (%)



Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla. N = 21 411

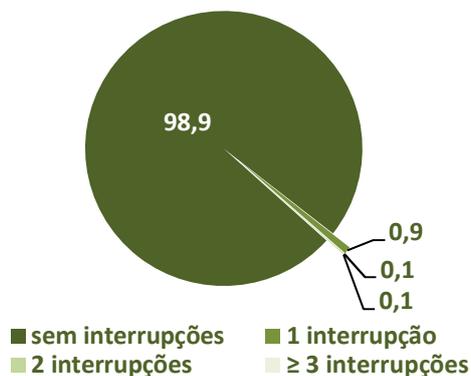
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

As reprovações no 11.º e 12.º ano apresentaram valores residuais (1,5% e 0,3%), tendo até decrescido em relação a 2013/14 (-1,1 e -0,4 p.p. respetivamente) e poderão estar relacionadas com mudança de curso e/ou oferta de educação e formação. Esta mudança origina o regresso ao 10.º ano e o recomeço do percurso escolar dos alunos no ensino secundário.

6.2 Interrupções no trajeto escolar dos alunos

A análise das interrupções mostra que apenas 1,1% dos inquiridos interrompeu os estudos durante o seu percurso escolar, sendo que menos de 1% interrompeu apenas uma vez os seus estudos (Figura 6.2).

Figura 6.2 – Alunos segundo o número de interrupções ao longo do trajeto escolar (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Os anos de interrupção apresentaram uma situação diferente face às reprovações, uma vez que cerca de 28% dos alunos que interromperam os estudos fizeram-no no 10.º ano, seguindo-se o 9.º ano (15,6%) e o 7.º ano (11,3%) anos de início e fim de ciclo de estudos (Figura 6.2.1).

Figura 6.2.1 – Alunos segundo os anos de interrupção ao longo do trajeto escolar (%)



Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla. N = 723

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Face aos dados recolhidos em 2013/14, verificou-se um decréscimo de 6,7 p.p. de inquiridos que interromperam os estudos no 10.º ano, de 3,8 p.p. no 11.º e de 3,7 p.p. no 9.º ano. Por outro lado, assistiu-se a um aumento de 3 p.p. no 7.º ano em relação ao ano 2013/14.

7. DESEMPENHO ESCOLAR, ESCOLHAS ESCOLARES E ORIGENS SOCIAIS

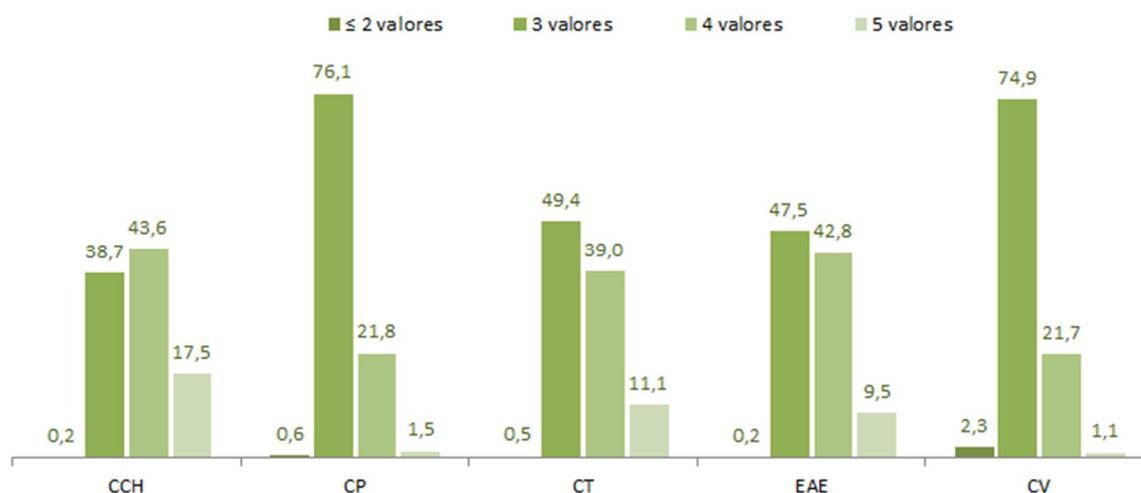
De seguida pretende-se observar se o sexo, a escolha da oferta de educação e formação e as habilitações escolares dos agregados familiares dos alunos têm influência no seu desempenho escolar. Pretende-se compreender de que modo o contexto escolar e as características socioeconómicas familiares dos alunos influenciam o seu desempenho escolar.

7.1 Desempenho escolar e oferta de educação e formação frequentada

A análise da média global das classificações às disciplinas analisadas, nomeadamente português, língua estrangeira, matemática e físico-química, permitiu constatar que existem diferenças por oferta de educação e formação frequentada, verificando-se que eram os alunos dos cursos profissionais e vocacionais que menos obtiveram classificações de nível 5 (1,5% e 1,1% respetivamente) e eram os que mais apresentavam classificações de nível 3 (76,1% e 74,9% respetivamente) (Figura 7.1).

A maioria dos alunos que frequentavam um CCH, um CT ou o EAE apresentaram uma média de classificações entre os 4 e os 5 valores (61,1%, 50,1% e 52,3% respetivamente).

Figura 7.1 – Alunos segundo a oferta de educação e formação, por desempenho escolar (%)

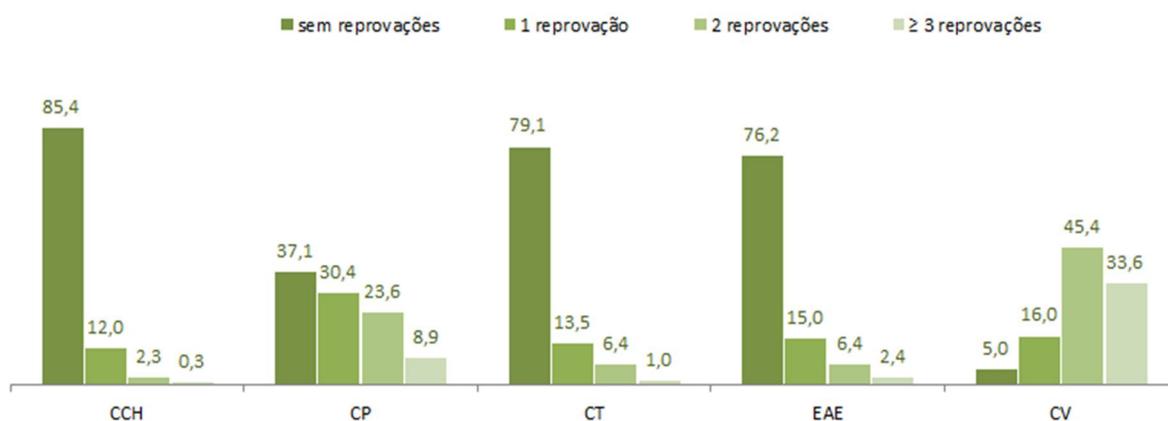


Nota: Desempenho escolar é a média das classificações às disciplinas de português, língua estrangeira, matemática e físico-química.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Com exceção dos alunos dos CP e dos CV, a maioria dos alunos das restantes ofertas de educação e formação não apresentaram desvios no trajeto pelo ensino secundário. A distribuição pelo número de reprovações foi muito semelhante nos CCH, EAE e CT, destacando-se os 85,4% de inquiridos dos CCH que não apresentaram reprovações ao longo do percurso escolar. A maioria dos alunos que frequentava CP obteve uma ou mais reprovações, verificando-se que 30,4% tiveram uma reprovação e 32,5% duas ou mais reprovações (Figura 7.1.1).

Figura 7.1.1 – Alunos segundo a oferta de educação e formação, por n.º de reprovações (%)

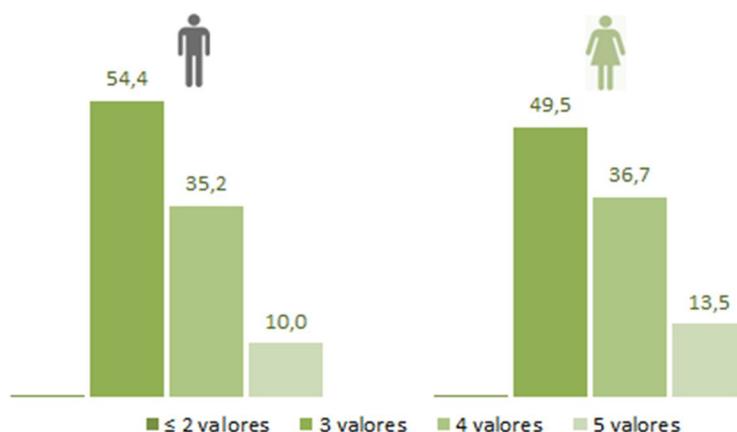


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

7.2 Desempenho escolar e sexo

Por sexo, as diferenças nas médias de classificações às quatro disciplinas analisadas são ténues, constatando-se no entanto que as raparigas apresentaram um desempenho mais elevado com obtenção de uma maior proporção de classificações de nível 4 e 5 (50,2% face a 45,2%) (Figura 7.2).

Figura 7.2 – Alunos segundo o desempenho escolar, por sexo (%)

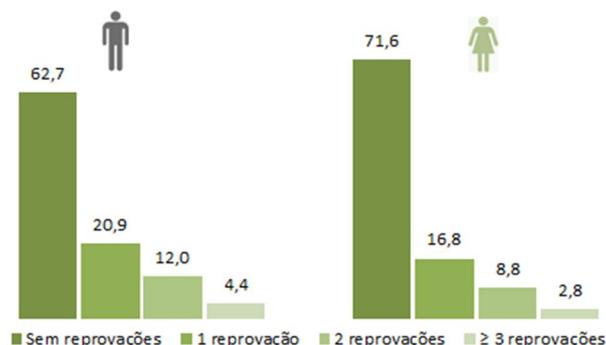


Nota: Desempenho escolar é a média das classificações às disciplinas de português, língua estrangeira, matemática e físico-química.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

No que diz respeito ao número de reprovações, existiam diferenças expressivas em relação aos rapazes, uma vez que as raparigas tendem a ter um maior aproveitamento escolar sem reprovações (71,6% face a 62,7%) (Figura 7.2.1).

Figura 7.2.1 – Alunos segundo o n.º de reprovações, por sexo (%)



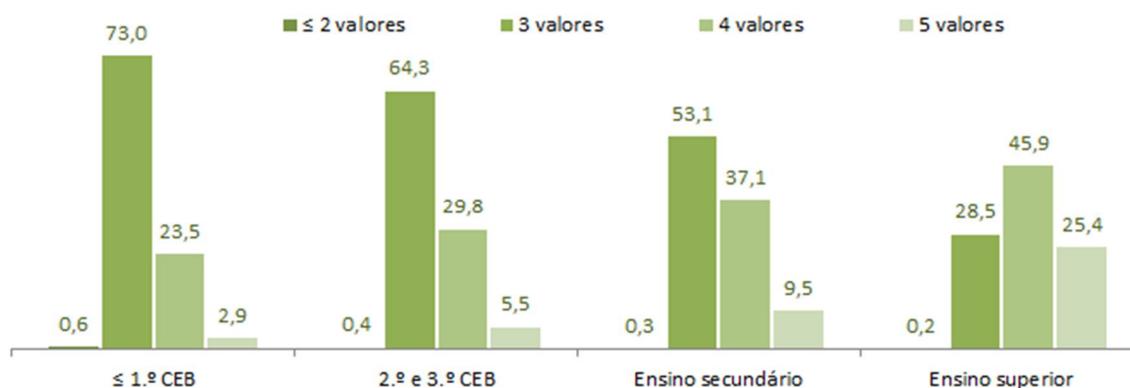
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

7.3 Desempenho escolar e escolaridade dominante na família

Por fim analisou-se o desempenho escolar dos alunos segundo o nível de escolaridade dominante na família, observando-se que existiam grandes diferenças quer ao nível das médias das classificações às quatro disciplinas analisadas, como no número de reprovações.

Os alunos oriundos de famílias com ensino superior ou secundário obtiveram, mais que os restantes, uma média de classificações de nível 4 (45,9% e 37,1% respetivamente) ou 5 valores (25,4% e 9,5% respetivamente) (Figura 7.3). Numa situação diferente, encontravam-se os alunos cujos núcleos familiares eram detentores de habilitações entre o 2.º e o 3.º ciclo do ensino básico e inferior ao 1.º ciclo do ensino básico onde a média global das classificações foi de 3 valores (64,3% e 73,0% respetivamente). Nas classificações de excelência escolar as diferenças eram assinaláveis, constando-se que quanto mais elevado era o nível de escolaridade dominante na família, mais os alunos revelaram ter tido uma classificação de nível 5 (25,4% dos alunos de famílias com o ensino superior face a 2,9% para os provenientes de famílias com habilitações iguais ou inferiores ao 1.º ciclo do ensino básico).

Figura 7.3 – Alunos segundo o desempenho escolar, por nível de escolaridade dominante da família (%)



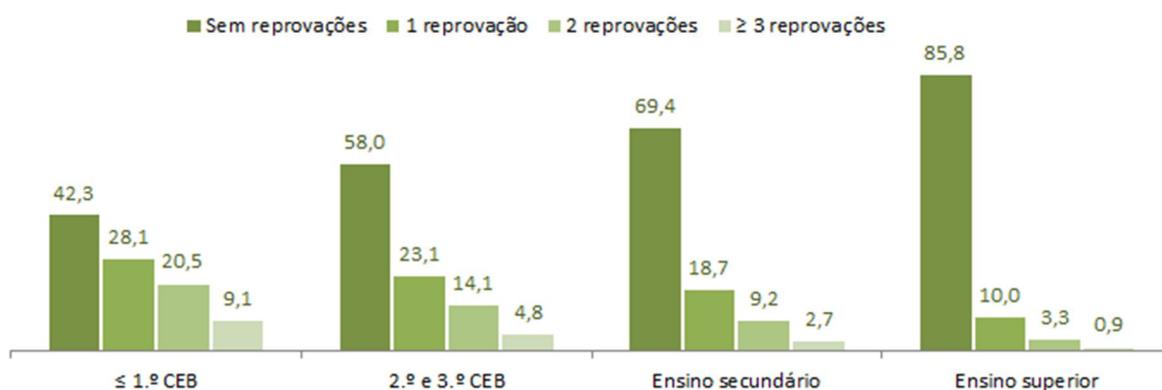
Nota: Desempenho escolar é a média das classificações às disciplinas de português, língua estrangeira, matemática e físico-química.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

Observando-se o número de reprovações ao longo do percurso escolar, encontraram-se diferenças semelhantes às identificadas para a média de classificações obtidas no 9.º ano, às quatro disciplinas analisadas. A maior percentagem de alunos sem reprovações é alcançada entre aqueles cujos agregados familiares tinham o ensino superior (85,8%) (Figura 7.3.1). A maioria dos inquiridos cujos núcleos familiares tinham escolaridade igual ou inferior ao 1.º ciclo do ensino básico apresentavam, no mínimo, uma reprovação ao longo do seu trajeto escolar (57,7%).

Apesar destes dados, importa constatar que 42,3% dos alunos de famílias menos escolarizadas nunca reprovou e que 14,2% (face a 24,6% em 2013/14) oriundos de famílias muito escolarizadas reprovaram no mínimo uma vez. Isto indica que, face ao observado no inquérito 2013/14, os alunos oriundos de famílias muito escolarizadas viram reduzir o número de reprovações, aumentando deste modo o seu desempenho escolar.

Figura 7.3.1 – Alunos segundo o n.º de reprovações, por nível de escolaridade dominante da família (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2016/17.

NOTA METODOLÓGICA

Os dados apresentados resultam da aplicação do inquérito “Estudantes à entrada do Secundário em 2016/2017”, realizado entre março e junho de 2017 no âmbito do acompanhamento dos percursos escolares dos alunos no ensino secundário.

A informação recolhida através deste inquérito resulta da colaboração entre a DGEEC e as escolas públicas e privadas de Portugal continental que participaram e que tinham como oferta educativa as seguintes ofertas de educação e formação: 10.º ano dos CCH, 10.º ano dos CT, 10.º ano dos cursos do EAE, 1.º ano dos CP, 1.º ano dos CV. Na aplicação deste questionário foram convidadas a participar 827 escolas, das quais se obteve uma taxa de participação de 87,9% (727 escolas). Este inquérito teve a participação de 67.720 alunos num universo de 98.403, isto é, uma taxa de participação de 68,8% do total de alunos matriculados nas escolas participantes. Para mais informações sobre estes dados, consultar os sumários estatísticos do inquérito ou contactar a Equipa de Estudos da Educação e Ciência (EEEC/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt

ESTABELECIMENTO DE ENSINO

- 76,4% frequentavam escolas públicas e 23,6% escolas privadas;
- 57,5% dos alunos frequentavam uma escola secundária, 16,7% uma escola profissional, 25,1% uma escola básica e secundária e 0,7% uma escola artística;
- 39,9% frequentavam um estabelecimento da região Norte, 22,8% do Centro, 26,4% de Lisboa e Vale do Tejo, 6,8% do Alentejo e 4,2% do Algarve.

CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

- 93,4% tinham nacionalidade portuguesa e 6,4% estrangeira;
- 75,2% eram portugueses, 5,3% luso-europeus, 8,2% luso-africanos, 1,4% descendentes de ex-emigrantes e 5,6% eram detentores de outra origem.
- 79,6% falavam exclusivamente português em casa, 16,5% falavam simultaneamente português e outras línguas em casa e 1,7% falavam exclusivamente outras línguas em casa.